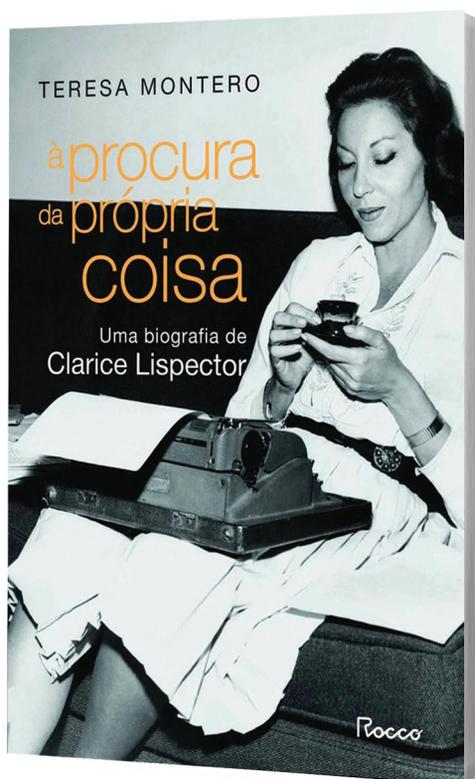


livros



Sísifo em câmera lenta: a extensa
biografia de Clarice Lispector
escrita por Teresa Montero

Joel Rosa de Almeida

À procura da própria coisa: uma biografia de Clarice Lispector,
de Teresa Montero, Rio de Janeiro, Rocco, 2021, 768 p.

“Cada um dos grãos dessa pedra, cada clarão mineral, dessa montanha cheia de noite, só para ele forma um mundo. A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz”
(Albert Camus).

Onovo lançamento da longa biografia de Clarice Lispector escrita por Teresa Montero, intitulada *À procura da própria coisa: uma biografia de Clarice Lispector*, a incorporar o texto do anterior volume *Eu sou uma pergunta?* (Ferreira, 1999), ora também ampliado, contempla o rol de homenagens aos 100 anos de nascimento de Clarice Lispector, em 2020, e pede-nos um olhar analítico mais atento, porque apresenta ares de reedição e revisionismo.

Transcorridas todas as homenagens à autora, entendemos ser o momento propício à leitura crítica desse material de pesquisa. Montero optou, já no Prefácio, por explicar detalhadamente a necessidade dessa nova publicação ou republicação, por encontrar-se esgotado o volume inicial. Decidiu, ao longo de 25 anos de pesquisa, editar novos materiais inéditos e empreender investigações e descobertas

do interesse dos pesquisadores estudiosos da obra de Lispector e leitores em geral.

Opta *a priori* por inserir a anterior biografia na terceira parte, quase praticamente sem mudanças ou revisões, inserindo um minitexto prévio, em cada capítulo, que o intitula como “Diário de bordo”, seguido da cidade e intervalos anuais, como dados revisionistas. De totalmente novo da biografia anterior, inclui um capítulo inicial, intitulado “Recife, 1976”, que recupera uma dada viagem de Lispector ao Recife nesse ano e que teve como enfoque uma palestra com professores e literatos, na UFPE, e passeios com o poeta, organizador e anfitrião Augusto Ferraz, à época esquecido pela mídia jornalística.

Aliás, Montero procurou fazer justiça a diversas pessoas da convivência com Lispector, nesta sua empreitada biográfica,

JOEL ROSA DE ALMEIDA é doutorando da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e autor de *A experimentação do grotesco em Clarice Lispector* (Edusp/Nankin).

elucidando algumas passagens da vida da autora. Esse fato, escrito *in medias res* no miolo inicial da biografia na terceira parte, contribui para resgatar uma figura importante do retorno de Lispector a sua cidade da infância, Recife, quase às vésperas da morte da autora, a do poeta Augusto Ferraz. É bastante tocante esse reencontro delicado e aconchegante à memória afetiva da menina Clarice e estar ao lado de Olga Borelli e do amigo poeta.

Notamos um exercício de reflexão, o de um novo olhar sobre a escrita biográfica anterior. Nessa nova investida, há sempre que reparar os locais de pesquisa, o empenho e a dedicação próprios da biógrafa. Por vezes, verificamos certo excesso de explicações de órgãos e instituições e, mais do que isso, texto entremeado de autoelogios, que a biógrafa poderia, de modo mais elegante, ter suprimido.

Em 1999, escrevemos uma resenha crítica para a **Revista USP**, intitulada “Uma recente biografia de Clarice Lispector: a palavra que se faz carne” (Almeida, 1999), sobre aquele volume ora revisitado. Relendo nosso texto, percebemos que esclarecemos todas as biografias até então, entre outras comparações (Varin, 1990; Marting, 1993), diferenciamos o trabalho de Gotlib (1995), em *Clarice Lispector: uma vida que se conta*, que se trata de uma biografia crítica, do trabalho de Montero, assim como o ensaio biográfico de Olga Borelli (1981), em *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Além dos elogios da inédita pesquisa empenhada por Montero, apontamos críticas que, de fato, pouco surtiram efeito, tanto que os mesmos problemas reapareceram na biografia nova, que ora reproduzimos a seguir:

“Vale salientar que podem ser feitos alguns reparos para uma reedição do trabalho da biografia recente de Clarice; algumas frases soam como chavões desnecessários, termos folhetinescos ou cochilos retóricos, podemos citar alguns exemplos: ‘Mas nem sempre se alcança aquilo que se quer’ (p. 17); ‘[...] como nos contos de fadas. Sim, o jogo de dados do destino é irracional e impiedoso’ (p. 17); ‘O conto foi destruído, mas a semente interior pelo universo da literatura tinha sido germinada’ (p. 63); ‘Os seios pequenos [de Clarice Lispector] brotavam lentamente’ (p. 55). Nesta última citação, há uma nítida tensão/contradição entre o distanciamento dimensionado e produzido pela biógrafa (construído também através de todo um painel sociopolítico-cultural deste século em seu texto) e uma tentativa de descrição do desenvolvimento físico de Clarice, aproximação que se mostra falseada. Faltou ao trabalho de Teresa Cristina um pouco mais de envolvimento com o fértil material que possibilitaria interiorizar muito mais a alma clariciana, que se daria sobremaneira através do relato de histórias e correspondências da vida da ficcionista, algo a que a biógrafa optou por não recorrer mais visceralmente. A biógrafa, também à construção do que denominamos discurso macroestrutural e distanciado, parece se preocupar demais com dados de documentação a ponto de citar datas repetidamente, registros longos, grande número de funcionários e órgãos públicos, compondo um texto que se organiza e se caracteriza pelo seu teor burocratizado. Esses dados sempre mencionados corroboram com a ênfase de efeitos de distanciamento, algo que Teresa Cristina parece desperceber um pouco, afastando-

-se cada vez mais do universo clariciano” (Almeida, 1999, p. 116).

Ainda que tenhamos, há mais de 20 anos, elogiado a biografia de Montero, as críticas acima foram incisivas. Esse espaço macroestrutural sobre o qual refletimos se ampliou de tal forma que as duas partes iniciais foram acrescidas, particularmente para confortar a biógrafa e, de algum modo, os leitores pesquisadores.

A primeira parte intitula-se “Itinerário de uma mulher escritora”, que se projeta com o grande destaque do achado de uma nova entrevista com a autora, gravada pela TVE, “atual TV Brasil”, como esclarece Montero. Sem dúvida é um material enriquecedor para a biografia de Lispector, porém a forma como foi inserido na biografia mostra-se apressada, entrecortada e até certo ponto exagerada sua menção, tal como o Prefácio do livro, escrito pela própria biógrafa.

O que poderia ser um início de leitura aconchegante e despertar a atenção do leitor, mostra-se como uma leitura difícil, desconfortável pela série de documentos e “achados” que a biógrafa decidiu publicar, mas que se configuram como partes iniciais problemáticas da sua biografia. Por que não tratar esse material, no corpo do texto biográfico, inserido na terceira parte? Por que não optar por um viés reflexivo com o uso mais contido da citação e da colagem? São questões que a biógrafa, se as tivesse respondido, talvez não tivesse optado por esses perfis soltos e frágeis, nas duas primeiras partes. Mas pressupomos que a biógrafa quis confortar sempre os leitores-pesquisadores.

Vale salientar o esforço de Montero ao esclarecer a demissão de Lispector e

dos colegas jornalistas judeus do *Jornal do Brasil*, em 1974, explicitada por Dines. Porém, essa recorrência às citações e o excesso de material fizeram com que ela citasse duas vezes (pp. 62 e 233) a mesma declaração do editor, em citação longa incorporada em seu texto biográfico. A explicação de Dines recupera uma tentativa do próprio jornal carioca de “agradar” Geisel, em momentos ditatoriais mais severos, demitindo, de modo antissemita, uma massa de judeus, incluindo Lispector. A colagem e o excesso de citações são tão desconfortáveis, nessas partes iniciais, que por vezes o leitor perde o fio especial e prazeroso do texto de Montero, sua escrita vital, aliada ao relato da vida de Lispector, que se dissolvem no mar de documentos.

Tais excessos também se avolumam, de modo mais crítico, quando opta por publicar receitas de Elisa e da própria autora (pp. 165-73); exposições, peças, shows, telenovelas e filmes vistos pela biografada, nos anos 60 e 70 (pp. 94 e 98), entre outros acúmulos. São outros materiais de pesquisa, os quais Montero faz questão de citar (muitas vezes, sem fonte precisa, o que é um problema sério aos próprios pesquisadores com quem a biógrafa tanto se esmera em se comunicar) e colar, a fim de construir perfis livres de Lispector, porém sem tratamento acadêmico adequado do texto.

De fato, Montero pesquisou de modo considerável, não há que negar essa investigação vasta, mas os materiais de pesquisa enumeram-se no texto, respirando ofegantes pela necessidade de serem republicados pela biógrafa, que elenca e dispõe esses achados de pesquisa, nas duas primeiras partes, de modo solto, entrecortado e so-

bretudo fragmentado. Lispector desenvolveu sua ficcionalidade no processo de fragmentação da escrita, porém Montero não pratica ficção, mas sim, texto biográfico não ficcional. A técnica do fragmento, meio que quase aderindo ao grande conflito do processo de criação de Lispector, obnubila o texto inicial da biógrafa e a quinta parte.

Vale salientar que a árvore genealógica da família Lispector é construída meticulosa e detalhadamente (pp. 131-58), assim como explicitada. Entretanto, abre-se aqui um parêntese para analisar a grande polêmica dos últimos anos da problemática *biografia*¹ de Moser, quando este, de modo sensacionalista, expõe a vida da mãe de Lispector, Marieta Lispector, que teria supostamente vivenciado um “drama trágico”, ao relatar e “criar” uma grande “cena” nos pogroms russos, o que teria polemizado com grande parte da crítica especializada brasileira (Abdala, 2010, pp. 285-92; Jerônimo, 2020, pp. 111-22), ao filtrar dados ficcionais do romance *No exílio*, de Elisa Lispector, e ter usado comentários sem fundamentação documental, assuntos todos esclarecidos por Montero, mas a escrita decaiu, nos bastidores do anedótico.

Explicamos melhor. Montero opta, na sua biografia da terceira parte, por não aderir a essa versão de Moser, mais pela sua intuição, conforme relato de um sonho que tivera com a mãe de Clarice (p. 136). Assim, concluímos que os esclarecimentos da biógrafa foram desnecessários e excessivos e o relato do sonho, com todo

respeito, equivocado, no espaço do texto biográfico, considerando-se o rigor científico que deveria ser seguido pela biógrafa.

Esse sonho relatado da própria biógrafa, tal como inserido em seu texto acadêmico, trata-se de um deslize inadequado, excesso intuitivo que não cabe às investidas reflexivas e racionais de um estudioso acadêmico, porém serviu para que Montero, de algum modo, se distanciasse do texto biográfico da versão de Moser e não aderisse sem compromisso e sem rigor científicos a um fato não comprovado, que envolvera a família dos Lispector, em especial a biografada. *Porém a pedra cai da montanha, em câmera lenta.*

Outro ponto não menos relevante é quando Montero opta por esclarecer, de modo detalhado, o caso polêmico acima, ao apontar nomes e versões dos comentários sobre esse “suposto” drama trágico da mãe de Clarice, sem fundamento documental. Entretanto, não deixa de imprimi-lo e estampá-lo, em seu texto biográfico, na segunda parte do seu livro, intitulada pleonasticamente “Vida-vida e vida literária”, incorporando, enviesadamente, a versão de Moser em seu novo texto. *Subir ou não subir a montanha? Eis a questão.*

Isso não significa considerar que as primeiras partes não sejam relevantes, do ponto de vista da pesquisa acadêmica. De fato, poderiam ser reescritas e o texto apresentar um tratamento mais aprimorado, sem optar tanto pela colagem, citação e publicação fragmentária destas.

De modo contundente e qualitativo, na biografia de Montero ocorre o farto material de pesquisa do SNI, muito bem levantado e explicitado, dos idos de 1973, quando Lispector estava sendo fichada e

1 Consideramos o texto de Moser – intitulado *Clarice* – uma biografia de Clarice Lispector problemática e polêmica. Ver: Jerônimo (2020); Abdala Junior (2010).

monitorada pelos órgãos da ditadura militar. De fato, Lispector sempre foi cobrada por uma atitude de maior engajamento político. Montero apresenta uma pesquisa muito bem detalhada a reencenar a grande oposição de personalidades da época (as figuras de Henfil *versus* Lispector), na mídia jornalística, e o polêmico engajamento político da autora, bem como o fato de ter sido injustamente “morta” nas charges de Henfil.

Montero resgata uma face de Lispector absolutamente engajada politicamente, notável verve da biografada. Outro ponto alto e marcante da biografia é a relação de Lispector e Maria Bonomi. Montero detalha essa relação e reencena as exposições desta, vistas pela amiga-comadre, assim como esclarece justamente tal engajamento político da escritora provocado pela amiga artista plástica e as investidas futuras de Lispector, nas artes plásticas, inclusive como pintora, em meados dos anos 70. *São os pontos altos de Sísifo com a pedra angular na montanha.*

Outro ponto nevrálgico recorrente da nova biografia de Montero é o excesso de contextualização política, o que até poderia ser visto como algo positivo *nesse esforço de Sísifo* à iminência de uma *nova queda da pedra na montanha*, pois o texto historiográfico da biógrafa é bem escrito e fundamentado e dá diversas visões históricas de época precisas e um cenário local muito bem construído do século XX. Exemplos são a recuperação detalhada das visitas de Lispector aos hospitalizados, em Nápoles, na Segunda Guerra Mundial, e o antisemitismo na era Vargas, muito estudado pelos historiadores no Brasil.

Contudo notamos excessivas certas técnicas de escrita biográfica da vida de Lispector, por Montero se sustentar, além dessa técnica historiográfica citada, também a partir de alguns outros recursos em hipertrofia e escapes, que tornam a biografia em si escassa e comprimida: 1º) construir o texto biográfico a partir de grande teor epistolar, algo já praticado por Gotlib (1995) com sutileza e sem excessos; 2º) desenvolver a escrita biográfica a partir de resenha crítica, algo também realizado por Gotlib (1995) com maestria, porém o caminho de Montero perpassa mais o da recepção crítica; 3º) técnica do uso excessivo de resenhas e citações de crônicas de Lispector, em especial as da *Descoberta do mundo*, publicadas originalmente no *JB*, de 68 a 74.

O grande problema do uso dessas numerosas “crônicas literárias” utilizadas em textos biográficos contempla escolha duvidosa e aqui levantamos algumas questões: até que ponto Lispector se expõe e se expressa como pessoa, em um texto que podemos considerar como *crônica literária* de viés ficcional e dotada de personagens, já que uma biografia deveria se pautar pelo não ficcional? Em que medida vislumbramos a menina Lispector nas personagens crianças de suas *crônicas literárias*, que não deixam de apresentar vertentes ficcionais evidentes? São questões em que Inojosa (2020), na sua dissertação de mestrado, teria se debruçado recentemente. *A pedra de Sísifo está parada, no meio da montanha.*

Há um *esforço de Sísifo sobrecomum* de tentar construir diversos retratos e faces de Lispector, nas duas primeiras partes, através do olhar de vários extratos e enfoques sociais e da própria pesquisa

investigativa (da documentação provinda de instituições dos próprios organismos do Estado ditatorial, da mídia jornalística, do perfil criativo e estranho da própria autora, extraído de diversas fontes anacrônicas (pp. 78-86), da árvore genealógica, etc.). Porém o resultado desse texto biográfico inicial é irregular, em virtude de o leitor ter que encaixar, com dificuldade, as peças desse enorme *patchwork*. O próprio esforço da árvore genealógica ampla, louvável e considerável, faz com que a biografada fique, muitas vezes, em segundo plano na sua individualidade inexpressiva, bem como a incansável recuperação da cultura judaica, na vida de Clarice, confronta a subjetividade plural de Lispector, que sempre procurou abraçar o sincretismo múltiplo, tão presente em sua ficção. Há o problema da desproporção e da pesquisa que excede a produção textual, o que pode provocar a distorção das faces especulares de Lispector, na construção do texto de Montero.

A quinta parte é também fragmentada e ocorre enlaçada da publicação recente de Montero (2019), intitulada *O Rio de*

Clarice: passeio afetivo pela cidade. Na sua nova biografia, Montero amplia a ideia desse texto e apresenta o mapeamento de lugares em que Lispector viveu e frequentou e que não foram contemplados no livro acima nem na biografia anterior: são revisitadas as cidades de Recife e Maceió. A ideia é positiva e interessante, mas de novo o texto biográfico decai para o fragmentário e o entrecortado, justamente no final da extensa biografia, e nesse momento percebemos que precisaríamos de uma escrita mais pulsante e envolvente ao leitor.

Concluimos que a leitura da nova biografia de Lispector é muito bem empenhada, agradável e muitas vezes direcionada em especial aos pesquisadores, porém, talvez, entrecortada e extenuante aos leitores comuns. Não deixa de ser um grande exercício da escrita fragmentária que se volta a retratar as faces ocultas de Lispector, através de fontes seguras e vasto material investigativo. Mas qual a misteriosa face de Lispector? Cabe ao leitor, ao lado de Montero, *ajudá-la a levar a pedra de Sísifo ao topo da montanha, mas onde está a pedra?*

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, B. "Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: coincidências e equívocos". *Estudos Avançados*, v. 24, n. 70. São Paulo, USP, 2010.
- ALMEIDA, J. R. de. "Uma recente biografia de Clarice Lispector: a palavra que se faz carne". *Revista USP*, n. 43. São Paulo, SCS/USP, set.-nov./1999, pp. 208-11.
- BORELLI, O. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Trad. Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro, Record, 2004.
- CAVALCANTI, H. I. *Clarice Lispector: no coração do Recife (1925-1935)*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade Católica de Pernambuco, 2020.
- CUNHA, M. Z. da; RUIZ, R. C. (orgs.) *Clarice Lispector: os mistérios da estrela*. São Paulo, FFLCH/USP, 2020.
- FERREIRA, T. C. M. *Eu sou uma pergunta?*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- GOTLIB, N. B. *Clarice Lispector: uma vida que se conta*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1995.
- JERÔNIMO, T. C. "Benjamin Moser: a voz corrente dos boatos e do infundamentado como verdade: uma leitura crítica acerca dos recentes equívocos do biógrafo norte-americano", in M. Z. da Cunha; R. C. Ruiz (orgs.). *Clarice Lispector: os mistérios da estrela*. São Paulo, FFLCH/USP, 2020.
- LISPECTOR, E. *No exílio*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2005.
- MARTING, D. *Clarice Lispector: a bio-bibliography*. London, Greenwood Press, 1993.
- MATEUS, S. "Imitatio e aemulatio: a Querela dos Antigos e dos Modernos sob o cânone estético". *Revista de História e Ideias*, vol. 37, 2018, pp. 239-51.
- MONTERO, T. *À procura da própria coisa: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro, Rocco, 2021.
- MOSER, B. *Clarice*. São Paulo, Cosac Naify, 2009.
- VARIN, C. *Langues de feu: essai sur Clarice Lispector*. Québec, Éditions Trois, 1990.